ANNO 5.º — Sexta-feira, 19 de Julho de 1912 — NUMERO 230

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis

REDACÇAO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . . 40 réis
Comunicados . . . . 20 réis
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

A REPUBLICA TRIUNFANTE

Viva a Republica!

A' hora que traçâmos, emocionádos ainda, estas linhas, estão a trocar-se os ultimos tiros entre aquêles que, denodados defensores da Republica e da Patria, correram em sua defêsa por toda a parte e os que, esquecendo numa desgraçada e criminosa alucinação os seus deveres de bons portuguêses para contra éla conspirarem, se lançaram numa aventura que apenas teve a inspiral-a a demencia dum louco e a ajudal-a a imbecilidade de muitos!

A restauração monarquica é, sem duvida, uma completa utopia.

Déssas tentativas, porém, resultou a evidentissima prova inconfundivel de que todas as forças vivas da nação com éla estão identificadas nos mais apertados laços de solidariedade e de amor.

As colectividades que em 5 de outubro firmaram a tiros de canhão, no mar e na terra, a soberania nacional, numa acção comum e num grito unisono, evidenciáram brilhantemente, defrontadas de novo com os inimigos da Patria, a sua completa e indistrutivel identificação com as instituições que representam a nação.

De todo o mal economico e financeiro que a alarmante situação fronteiriça trouxe para o país, produziu, entre outros, dois grandes e incontestaveis beneficios.

A liquidação completa dêsse miseravel plano, provocou em primeiro logar a demonstração mais perfeita e mais nobre da fidelidade e amor do exercito, na sua nunca desmentida bravura em defêsa da Patria e das instituições, assim como a prova evidentissima da cobardia do bandido, general em chefe do negro bando, que, apavorado deante da heroicidade dum cento de homens, fracassou, vencido, pela mais completa fraquêsa, por a mais absoluta pusilanimidade!

Pois quê?

Alterando o seu estudado plano que seria a marcha sobre Cabeceiras, por Boticas e Fafe, para aproveitar o aviso que mão traidora lhe enviára de que Chaves estava completamente desguarnecida, em vista da demonstração operada em frente de Montalegre, porque esperava Couceiro?

Então êle que só teria que avançar para vencer, estaca vacilante e amedrontado? Para onde foi toda aquéla bravura conquistada na faina de matar pretos nas famosas *batalhas* africanas ou em fazer conduzir duas peças de Queluz para atirar sobre a bateria colocáda no alto da Rotunda?

Decididamente Paiva Couceiro deu provas de ser um estupido. Porque se não compreende que um homem, um militar da sua fama se quéde, atonito, com 800 soldados e duas bôcas de fogo, horas sucessivas, em frente da vila que um punhado de homens, 170 apenas, com leonino valor, a tiros de espingarda, defende, embora com enexcedivel coragem e valentia.

Àquêle Napoleão de *biscuit* não lhe ocorreu uma simples modificação, naturalmente intuitiva em face das posições e disposições inimigas. Ali estacou com os seus valorosos *granadeiros* cheios de bentinhos e medalhas, sem se lembrar sequer que cada minuto era um perigo, pela aproximação facultada ás forças que deviam retroceder ou chegar de qualquer parte; ali se conservou, dizemos, deixando-se espingardear e atirando como qualquer miseravel desconhecedor das leis da guerra, sobre o hospital onde flutuáva a bandeira da cruz vermelha! Ao rebentar entre os seus a primeira granada das nossas forças, claro aviso de que o reforço salvador chegára, dizem que o misero soltou a frase—*salve-se quem pudér*—que é só pronunciada quando se convence quem a profére de que não ha esperança, de que tudo está irremediavelmente perdido.

Assombroso!

Êle que ali chegára e ali estava, demonstrando, todavia, que praticára um grâve erro, forçando a quadrilha que o cercáva a uma marcha violenta e penosa, durante uma noite; êle que não tinha que estudar ou preocupar-se com a segurança e resultado da retirada das suas fôrças, que tinha o caminho aberto sem um tropêço, nem dificuldade até á raia salvadora e de aí ao país amigo e protector, solta o ultimo brado, o brado que aterra e não admite vacilações—*salve-se quem pudér!*

Foi o proprio misero, trazido ali pela sua vaidosa ambição, que pela sua bôca, vem acabar com a lenda do seu heroismo e da sua valentia de soldado, passando a si proprio, no tragico instante em que liquidava de vez e para sempre a sua criminosa e repugnante tentativa, o unico diploma que o definia—**cobarde!**

Foi êle que com o seu grito de terror, acordou, furioso, no espirito dos companheiros, o mêdo já latente e eil-os, com o chefe á frente, sempre á frente, em desordenada fuga, abandonando tudo, carreira desenfreada numa fuga de doidos, dirigindo-se para a Hespanha, refugio da matulagem, que acabára de dar ao mundo o mais triste exemplo duma traição, a mais evidente prova de cobardia!

No campo, pelo caminho, abandonavam armas, munições, mortos e feridos, ficando alguns, a quem as mãos piedosas dos vencedores minoraram a agonia, agasalhados no territorio da Patria que tão injustamente vilipendiáram.

Entre a variedade curiosa de despójos deixaram-nos o famoso bandido D. João de Almeida, armado em marechal de operêta, desde a espada de copos doiro ao rico bastão do mando, que dois simples e valorosos soldados aprisionaram, desconhecendo o valor da presa e a categoria do criminoso.

* * *

Liquidou infame e miseravelmente a primeira parte da farça-tragédia.

Cae o pano sobre o decorrer dessa vergonha, que bem certos estâmos, afrontou todos os portuguêses, que, áparte principios, são, sobre tudo, patriotas.

Vâmos entrar na segunda fase: liquidação de contas!

Que éla se faça sem a mais leve comiseração, sem o mais pequeno vislumbre de piedade.

Não tem direito a éla criminosos reincidentes em crime de tamanha abjecção.

Da nossa condenavel brandura, das nossas demasiadas experiencias e provas de paz e de fraternidade, talvez se avolumasse o alento dêsses salafrarios, inimigos da Patria!

Talvez? Não. Com certeza.

Falem agora os tribunaes, pela bôca inexoravel da lei!

Portugal tem de subverter os bandoleiros perturbadores, sem razão e sem direito, ou desfalece para sempre nêssa luta improficua e ingloria.

Não; cem vezes não!

Portugal hade resplandecer, feliz, vigoroso e livre como nação, como Republica, continuando a escrever em letras doiro a sua historia, que é uma sublime epopeia, quer éla se destaque em Aljubarrota ou Ormuz, em Lisboa ou em Chaves!

Viva a Republica!

Julgamento

Na proxima segunda-feira respondem no tribunal désta comarca por terem transgredido a lei da Separação, o prior da freguezia de Cacia, Rodrigues da Costa, e um outro padre désta cidade conhecido pelas suas ideias reaccionarias.

Déve ser um dia de grande afluencia á casa da Justiça, destináda, decérto, a encher-se por completo de espectadores a quem a causa interessa por ser a primeira sobre que a autoridade judicial aparéce a pronunciar-se.

Lá irêmos tambem.

A' autoridade

Para mais que justificada rasão de procedimento imediato, atenta a grandeza do crime, não basta a prova eloquente e *inliminé* oferecida pelos criminosos, que, identificados com os bandidos invasores do solo abençoado da Patria, sairam désta cidade no mesmo dia e horas antes da consumação de tão grande infamia?

A autoridade aceitará como explicação *natural* do facto, esquecendo os recentes casos nos quaes esses mesmos individuos fôram tão distintas personagens, a ridicula desculpa que agora pretendem dar?

Esperar-se-ha que éles, num gesto de dignidade e de carater, espontaneamente digam que fôram apenas pretextos para a sua saída, a carta dizendo a mãe encomodada, e mandado recolher ao Porto Jaime Duarte Silva, deante de tão grâve rasão que fôsse preciso abandonar e interromper trabalhos de indiscutivel importancia a que estava aqui procedendo?

O tratamento dum dente, com escala por Ovar, S. Pedro do Sul, etc., que Alvaro de Ataide foi fazer tambem ao Porto e que aléga como motivo da sua tão rapida partida?

A retirada, ás 20 horas, em automovel, *para banhos*, sem uma mala ou qualquer cousa que justifique o destino da viagem, de Ricardo Campos e do primo padre?

Antonio Ferreira, tambem partiu na noute dêsse mesmo dia, sexta-feira, 5. Com que destino? Iria para *banhos* ou para *aguas?*

As ordens provenientes do govêrno são absolutamente claras e não pódem oferecer a mais leve duvida para o seu cumprimento. As provas moraes juntas ao passado déssa e doutra gente que por aí vagueia, mais que justificam e exigem a pronta acção de quem compéte vigiar e cumprir a lei.

Do contrario alguem hade fatalmente respeita-la, decididamente pôl-a em execução.

E' preciso não esquecer que se nada fizéram foi porque de todas as vezes que éles, como assassinos, pretenderam vir para a rua, já na rua encontravam os que, fieis ao seu ideal e á sua Patria, ali estavam para a sua defêsa até ao sacrificio da vida.

Não esqueçam isto os que lutam, os que se expõem jogando a existencia e o pão da familia.

Basta de vergonhosas transigencias!

Maia Magalhães

O *Democrata* honra-se estampando nas suas paginas, como simples mas bem merecida homenagem prestada a um filho désta terra, o retrato de Manuel Firmino de Almeida Maia Magalhães, capitão de estado-maior e uma das mais brilhantes figuras empenhadas na defêsa de Chaves, por ocasião da arremetida do miseravel bandoleiro Paiva e da sua gentę.

No telegrama oficial lido pelo presidente do govêrno ao parlamento dando conta do ataque a Chaves e do seu resultado—em poucas palavras porque o momento não era para largas narrativas—a câmara ouviu:

Maia Magalhães foi um heroe. Ferido voltou para a linha de fogo.

Mas não era tudo. Maia Magalhães logo ao principio do combate ferido com uma bala numa perna, um pouco acima do joelho, deitado no seu leito de dôr, na sua residencia, ancioso ouvindo o constante tiroteio, não poude conter-se, e, num repelão de soldado, impelido por um sentimento de decidida resolução, levanta-se e vai, amparado, até junto dos heroicos defensores, para os animar e manter nos seus postos de combate heroico, valoroso, épico.

Nêste acto de incontestavel valor e inconfundivelmente demonstrativo do seu patriotismo, Maia Magalhães salvou ainda a vida.

Após o abandono da casa, uma granada entrava pela janela do quarto e caíndo sobre a cama onde pouco antes jazia o ferido, lá ficou intacta a atestar a passagem da morte por aquêle aposento.

Maia Magalhães é genuinamente aveirense. Aqui nasceu a 7 de fevereiro de 1880, tendo feito no liceu todos os seus estudos até que necessario foi saír para os completar.

Seus paes, já falecidos, são tambem filhos de Aveiro: o dr. José Maria Barbosa de Magalhães e D. Maria José Maia Magalhães.

Estâmos absolutamente convictos que esta cidade, sabendo oportunamente pagar ao seu conterraneo a divida de imorredoura gratidão contraída, não perderá o ensejo favoravel de a satisfazer.

A éla nos unirêmos, então, como agora nos apressâmos a prestar-lhe esta simples quanto sincéra homenagem do nosso preito e da nossa admiração.

Capitão Maia Magalhães
ferido pelos conspiradores no combate que se travou proximo de Chaves no dia 7 de julho de 1912

MENDONÇA BARRETO

O SEU FUNERAL

E' depois de âmanhã, domingo, que chega a esta cidade o cadaver do infeliz administrador de Cabeceiras de Basto, assassinado pela horda reaccionaria ás ordens do famigerado padre Domingos Pereira, e que em vida se chamou João Augusto de Mendonça Barreto.

Para o acompanhar á sua ultima morada estão sendo feitos os devidos preparativos, pois que o patriotico *Grupo de Defêsa da Republica de Aveiro*, que tomou sobre si o encargo do funeral, se não poupa a esforços para que o acto seja revestido da maior imponencia atentas as circunstancias especiaes em que morreu o pobre João Mendonça.

Além dos inumeros convites espalhados pelo distrito, e que a Aveiro deve trazer grande numero de pessoas, o *Grupo de Defêza da Republica* conta ainda com o concurso expontaneo do povo, de todos aquêles a quem por ventura se não tenha dirigido, quer da cidade, quer de fóra—por um descuido facil de dar-se nêste momento—das colectividades locaes, associações de recreio, etc., etc., esperando-se realmente que a homenagem atinja desusadas proporções em harmonia com a coragem e dedicação patriotica manifestadas pelo extinto na defêsa do seu país.

A hora marcáda para o enterro é ás 14 e meia segundo consta do seguinte, convite, cuja publicação nos é pedida pelo *Grupo de Defêsa da Republica:*

Convite

Realisando-se no proximo dia 21, pelas 14 1|2 horas, o funeral do ex-administrador de Cabeceiras de Basto, Mendonça Barreto, ali morto na defêsa da Republica, e desejando nós prestar-lhe uma homenagem condigna, vimos convidar o povo de todo o distrito de Aveiro a incorporar-se no cortejo civico, desde a estação do caminho de ferro ao cemiterio.

Aveiro, 15 de Julho de 1912.

Pelo Grupo, o presidente,
Bernardo de Sousa Torres.

Uma sóva

Dissémos no numero da semana passada dêste jornal, saído na sexta-feira, que Marques Rosa, secretario particular de Homem Cristo, havia apanhado na vespera á noite um par de bengaladas a que correspondeu com alguns tiros de revolver, que felizmente não acertáram no alvo, e isso confirmâmos hoje.

Não vimos como os factos se passaram. No entanto, da bôca de algumas pessoas que acorreram ao local do acontecimento, ouvimos relatar ser a agressão motiváda por umas frases proferidas pelo tal Rosa contra a captura do professor Ataide seguidas de varios comentários mal sonantes, que por si só constituiram a causa do imediáto desforço e déram em resultado a sua entrada no hospital com a cabeça aberta e varias contusões pelo corpo.

Marques Rosa é um individuo aí profundamente antipatico. Pessoa da confiança de Homem Cristo, com êle está edentificádo até ao ponto de ser um dos seus melhores agentes como o demonstra a correspondencia que a policia lhe apreendeu numa busca efectuada ha poucos dias na casa em que vive com a familia.

Não sômos dos que ligam demasiada importancia ao tipo, instrumento apenas do bandalho que além fronteira e já em Aveiro dêle se servia como auxiliar das suas maquinações e guarda costas dos seus crimes. Todavia, Marques Rosa, entendemos ser uma figura a mais nésta cidade, onde os republicanos o não vêem com bons olhos devido ao ponto de contacto existente entre êle e o rei dos pulhas.

E' preciso sanear. Aveiro tem direito a viver socegadamente porque é uma cidade de trabalho e do trabalho necessita tirar o essencial á vida. Desmoralisal-a mais, consentir que elementos perturbadores continuem a provocar luctas intestinas que só aproveitam a meia duzia de aventureiros sem convicções nem brio de gente que se présa, não nos parece que dêva ser pelos resultados que possam advir no futuro, funestos para a terra e de nenhum proveito para as instituições.

Faça-se, portanto, a limpeza, que não é dificil. Acabe-se por uma vez com a benevolencia, com as condescendencias, com tudo quanto possa ser considerado fraquêsa. Está provado que a Republica não póde contar com um cérto numero de individuos que procuram todos os meios de ataque para lhe crear dificuldades. Sabe, pois, o caminho que tem a seguir. Marques Rosa é um conspirador, é um cumplice do *pulha de Aveiro*, um agente mascarado de vende-

dor de farinhas cuja existencia nésta terra não déve ser tolerada pelas autoridades sob pena dos republicanos as tornarem responsaveis pelos novos conflitos que possam haver.

Em nome da ordem faça-se a limpêsa. Exige-a o bom senso, o prestigio e a segurança da Republica.

Chorae „talassas", chorae...

O orgão das *lidimas individualidades da nossa terra,* que tinha por espinhoso encargo *conter em respeito as féras contra os mais respeitaveis caratéres*—acudam-nos senão rebentâmos a rir — botou na segunda-feira suplemento para explicar *aos seus queridos amigos, aos seus prestimosos assinantes, aos seus leitores,* emfim, que resolveu suspender a publicação com a qual acha nada perderem os *inimigos* seus, *os inimigos da sociedade e da ordem.*

Ficâmos scientes. E se é cérto que com tal suspensão se nos vai o prazer de alguns momentos agradaveis que sempre passávamos ao lêr a prosa bafienta, mas pretenciosa, e aí é que está o chiste todo, dos *verdadeiros arbitros* dos destinos da nossa Aveiro, resalta-nos á ideia a esperança de uma ausencia pouco duradoura porque mesmo sería um grande absurdo, acreditar o contrário.

O que havia de ser das *lidimas individualidades da nossa terra*, não nos dizem?!...

Assim mesmo

Pelo correio recebêmos o seguinte escrito litografádo:

AVISO

Constando que está ameaçada a vida não só do comissario de policia desta cidade, como de alguns republicanos, avisâmos de que á menor tentativa viremos para a rua, tornando responsaveis, por tal acto, os mais conhecidos *talassas* da terra, a quem protestamos completo exterminio

Q. M.

Sem duvida, será essa a resposta que as circunstancias nos forçarão a dar. A não ser que se pretenda pôr de parte aquilo que não seja um facto consumado e indiscutivel, não nos enganâmos dizendo que se esboçou, ainda que muito levemente, uma tentativa de agressão, ou quem sabe se de assassinato, na pessoa do sr. comissario de policia.

Foi o caso que na noite de quinta-feira, 11 do corrente, após a chegada de Alvaro de Ataide e da ocorrencia com Marques Rosa, dedicados republicanos descobriram aberta a porta duma loja que fica absolutamente fronteira á da casa de residencia do sr. comissario, e no limiar um individuo que não podendo esconder-se, apesar de engaboado e de capuz pela cabeça, ainda que com noite tão serena e morna, seguiu rua adeante, sendo impossivel reconhecel-o.

A porta é duma loja onde estão depositadas diversas porções de ferro e outros artigos e que áquela hora deveria estar fechada.

Ignorâmos se foi averiguada a razão de se encontrar a porta aberta á hora indicada, quando é certo nos ter constado que o dono estranhou o caso quando dêle teve conhecimento.

A autoridade averiguou ou pretendeu conhecer da anormalidade do acontecido?

Não sabêmos, e talvez, como se tratasse da pessoa da propria autoridade, éla se esquivasse de proceder para que não fossem tomadas noutro sentido as suas averiguações.

Contudo o plano e a sua execução eram facilimos: de dentro da loja facilmente se varejava qualquer, junto á frontaría oposta, e, fechada a porta, quem era capaz de supor que o criminoso estaría a dois passos dos que pretendessem descobril-o?

O que nos transmite o anonimo aviso não nos surpreende, pois está bem na memoria de todos a ameaça provocadoramente feita no orgão dos inimigos da Patria quando do regresso das *lidimas individualidades da nossa terra*, absolvidas vergonhosamente no Porto — *se não foi désta vez não se perderá melhor ocasião!*

E não a perdem com certeza. Como nós não estamos despostos a adandonar a que se oferecer, como muito bem indica o aludido aviso.

Assim mesmo é que deve ser.

EM RETIRADA

Ultimos écos duma aventura

Póde dár-se como finda a incursão realista. O socêgo é completo na fronteira e dentro do país a talassaría encolheu as garras capacitáda da sua impotencia para derrubar a Republica.

Na batalha de Chaves e nas varias escaramuças ensaiadas em algumas terras da provincia onde predominava o espirito reaccionario, ninguem póde dizer que a dedicação republicana fôsse um mito e ás tropas não animásse um grande desejo de serem uteis á sua Patria, defendendo o novo regimen. Tanto o povo como o exercito se acham irmanádos no mesmo pensamento. Não resta duvida. Paiva Couceiro fez com que isso se demonstrásse e bem claro pôz ainda, com o seu desvarío, a heroicidade de alguns e o estoicismo de muitos.

E' para que fique sabendo o traidor que em Portugal não acabaram nem acabarão tão cêdo os *varões assinaládos* de que nos fala o poeta do seculo XVI na sua obra imorredoura a que deu o titulo de *Lusiadas*.

AINDA O ATAQUE A' PRAÇA DE CHAVES

Feito heroico das armas portuguêsas

Porque a achâmos digna de ser conhecida de toda a gente, trasladâmos para as colunas do *Democrata* a narrativa que um jornalista fez da batalha travada nas proximidades de Chaves com o bando de Couceiro e os 170 cidadãos republicanos, entre militares e civis, e que de algum modo vem confirmar as nossas antigas previsões ácêrca dos valiosos elementos com que a Republica conta para a defender.

E' bem um documento historico, êste, que merece ser arquivado para que dêle tenham conhecimento as gerações futuras, a quem melhores dias do que aquêles que atravessâmos estão preparados dentro do atual regimen.

Fala Nobre Martins:

Já descrevi aos leitores do *Seculo* o que foi o combate travado aqui ás portas de Chaves, esse memoravel feito heroico que a Republica inscreverá nas paginas da sua historia como o primeiro gesto valoroso e grande depois da sua proclamação. Justo é porém, que eu rememore factos interessantes e episodios dignos de especial referencia nêste complemento quanto possivel fiel e imparcial dos acontecimentos. Sabido já que em Chaves era voz corrente uma tentativa de ataque á vila, logo se tomaram todas as medidas para a defêsa. Foi assim, portanto, quo no dia 7, ao ter-se noticia de que uma coluna de conspiradores, comandada pelo tenente Montanha, entrára em Vila Verde da Raia, logo de Chaves saíram varias forças republicanas, constituidas por infanteria, cavalaria e artilharia, indo desalojar os *paivantes* daquéla localidade, quasi completamente destruida, visto que os invasores, não contentes em despedaçar e inutilisar os postos fiscaes, saqueáram as casas, violaram as mulheres, lançaram fogo ás propriedades e praticaram outros vandalismos. Corridos de ali, soube-se depois que êles se encontravam a pouca distancia, motivo porque foi deliberado pelo capitão Maia Magalhães que a coluna se repartisse, ficando em Vila Verde a infanteria e partindo a cavalaria e artilharia em perseguição do inimigo, tendo aquéla, porque os encontrou no caminho, de se apear por lances e varal-os a tiro. Eu suponho que aí em Lisboa se ligou pouca importancia a este acontecimento; mas pelo que tenho averignado e pelo que tenho ouvido, êle foi tambem um feito de armas digno de registo, tendo-se evidenciado nêle não só os nossos soldados, como um grupo civil, composto de cêrca de 100 homens.

Não querendo agora, portanto, descreminar facto por facto o combate de Vila Verde pretendo apenas salientar mais uma vez o papel que as autoridades tiveram nêste lance, visto que o inimigo, acossado pelos nossos, correu imediatamente a refugiar-se para além da fronteira, entrando na Galiza por Feces. Respeitando o direito internacional, os comandantes das nossas tropas mandaram fazer alto a 500 metros da zona neutral, e, cessando o fogo, não mais os inquietaram. Aquêles, porém—tão confiados estavam das garantias qae lhes fôram concedidas—passaram o Tamega, na parte que limita os dois paises, e, quer de cima da ponte internacional, quer abrigados ao longo de um parapeito que borda a outra margem, não deixaram de inquietar os nossos, atirando-lhes como calabrazes numa embuscada de rapina. Em face désta atitude, vendo a impotencia de poder castigar semelhante audacia, as nossas tropas deliberaram retroceder até Vila Verde, sendo nésta altura que o capitão Maia Magalhães, que até ali tivéra necessidade de estar deitado por terra, juntamente com o seu camarada Modesto Barreto, comandante da cavalaria, foi alvejado numa perna por um tiro, disparado de territorio hespanhol. Fraco por ainda não ter comido, e pela marcha extremamente fatigante que fizéra, Maia Magalhães ainda conseguiu fazer metade do caminho a cavalo, até que, socorrido e amparado, veiu directamente para aqui, recolhendo a sua casa. Liquidado o incidente, parecia que o caso era um negocio arrumado, e, portanto, tendo ficado em Vila Verde apenas homens de infanteria, civis e guardas fiscaes, retiraram para Chaves a cavalaria e artilharia, tendo-se passado o dia de domingo sem novidade de maior. O peor, porém, foi saber-se que a coluna de Paiva Couceiro, isto é, o grosso das tropas conceiristas, se dispunha a atacar Montalegre, a 6 kilometros de aqui. E, embora aquéla vila tivesse a sua defêsa excelentemente organisada, não só pelo grupo civil que ali existe, como por um nucleo de soldades, a verdade é que os conspiradores desenhavam tentativas de incursão por dois lados diferentes. Foi em vista disto que o tenente coronel Oliveira, comandante da guarnição de Chaves, tomou a deliberação de fazer seguir para Sepiões, precisamente entre esta vila e Montalegre, uma outra coluna de infanteria, cavalaria e artilharia.

* * *

Com esta distração de forças, Chaves ficou reduzida a um pequeno grupo de soldados, todos apeados, e com a decisão firme e inabalavel do grupo civil aqui organisado. Deu-se então na segunda-feira o que para aí já relatei. A vitória das nossas tropas, esboçada poucas horas depois de iniciado o fogo, acentuou-se duma maneira concludente logo que do Alto da Fôrca fôram disparados os primeiros tiros da nossa artilharia, vinda a marchas forçadas de Sepiões, onde a fôram prevenir varios militares e civis, utilisando para isso um automovel. Postos os incursores em debandada, á voz de *salve-se quem poder!*, soltado pelo proprio Couceiro, que, em vez de dirigir tranquilamente o movimento da sua gente, armára em heroe de lenda, pondo-se, por vezes, a fazer fogo com uma das peças, os conspiradores perderam completamente alguns restos de serenidade que ainda os alentava e largaram numa carreira louca por montes, serras e vales, deixando atraz de si tudo quanto lhes poderia dificultar a fuga. Foi assim que no campo lhes ficaram a artilharia, as bagagens, os viveres e, para cumulo do ridiculo, uma meia duzia de *bidets* e malas de mão com caixinhas de pó de arroz, meias de sêda de mulher, cartas de namoro, listas comprometedoras de individualidades que dentro do país lhes protegiam os audaciosos designios, referencias curiosas ácêrca de uma sublevação das suas forças, na Galiza, no dia 21 do mez passado, diario da vida de muitos, epistolas e uma imensidade de burros, muares, panelões de rancho, rosarios, bentinhos, presuntos, salpicões e latas de conserva. Não se tinha passado meia hora depois da fuga, precisamente quando não muito longe ainda se ouviam os tiros da nossa cavalaria, trocados com os pouquissimos que ainda tentavam oferecer resistencia, já o mulherio e a gente miseravel, que em tempos idos esteve sempre á disposição dos caciques locaes, saíam das casas onde estiveram escondidos e fôram-se á colheita de tão preciosos despojos, havendo familias pobrissimas que ficaram governadas para algumas semanas. Ao contrario, os soldados e os civis que haviam cumprido o seu dever deram-se á tarefa de recolher os feridos e conduzir os mortos para a vila.

E' agora ocasião propicia para deixar aqui acentuado o inegavel heroismo e a valentia indomita daquêle contra-mestre de clarins de cavalaria 6, a que já fiz referencia em telegramas enviados ao *Seculo*. Chama-se Antonio de Azevedo, é natural de Santo Estevam, freguezia dêste concelho, e tem já 23 anos de serviço militar, tendo sido condecorado uma vez, no tempo da monarquia, por ter salvo o cabo Teodoro, da companhia de saude, de morrer afogado, e outra, já depois de proclamada a Republica, por ter salvo no Tamega um outro soldado, por ocasião de umas grandes cheias. Este homem estava, com outros poucos soldados de cavalaria 6, no respectivo quartel, ao darem-se os primeiros tiros disparados pelos atacantes. Armando-se de uma carabina, saíu com êles para a rua, seguindo para a linha de fogo, sob o comando do alferes Adão, indo tomar posições a coberto com os muros do forte de S. Neutel. Postos em linha de atiradores, os *cavalarias*, servindo de infantes, conservaram-se ali bastante tempo, até que o contra-mestre, impaciente, ao cabo de tres solicitações instantes, conseguiu que o alferes Adão o deixasse correr até junto da guarda avançada dos conspiradores colocados no alto do espaldão da carreira de tiro. Obtida a licença, o homem, como um louco, de carabina sempre apontada e fazendo fogo, varou alguns dos inimigos e, com um arrojo inaudito, por entre um chuveiro de balas, conseguiu aproximar-se do local designado, onde tres atiradores o alvejavam com pertinaz insistencia. Em tres pontarias certeiras, Antonio Azevedo desfez-se dêles, tombando-os com um tiro cada um. Faltava-lhe trepar ao alto do espaldão, mas a arma encravou-se e êle ficou quasi sem poder servir-se déla. Por isso, sem hesitar um momento, pegou-lhe pelo cano, fez a escalada, indo derrubar lá cima, com uma coronhada em cheio na cara, um *pobre diabo,* que teve a louca pretenção de lhe entravar o prsso. Felizmente que a carabina voltou a funcionar e por isso êle estendeu mais uns cinco, que hoje jazem no cemiterio, ferindo tambem mortalmente o picador Ornelas de Vasconcélos e D. Pedro da Costa (Vila Franca) que passados dois dias, deu tambem a alma ao Creador. E' preciso explicar que este ultimo individuo talvez para não ser logo morto, ofereceu a sua carteira com bastante dinheiro ao contra-mestre, que lh'e recusou, tomando-lhe apenas a arma a as munições e amparando-o, assim como a Ornelas de Vasconcélos, até serem socorridos e levados para o hospital.

* * *

Além do que fica descrito. Antonio Azevedo fez dois prisioneiros e apreendeu nada menos do que sete espingardas e 500 balas Mauser, dois sabres e uma bainha, voltando, terminado o combate, para o seu regimento, como se nada fosse com êle, desprendido, simples, sorridente, encolhendo os hombros e respondendo ás saudações dos amigos, do povo, dos camaradas e dos superiores, com estas simples palavras: *Cumpri o meu dever! Outro faria a mesma coisa!* Abraçado na minha presença, pelo alferes Adão, que m'o apresentou como um heroe, quasi timidamente esboçou este pedido, unica recompensa que espera lhe satisfaçam: que o brindem com a sua carabina, arma que me mostrou e que eu vi cheia de mossas das pancadas que êle déra, a torto e a direito, nas cabeças dos *paivantes.*

Disse para aí, mas retifiquei depois, que quem prendeu João de Almeida fôra o sargento Carneiro. A verdade, porém, embora tardiamente esclarecida, é que os captores desse heroe de papelão fôram dois valorosos rapazes, dois criançolas, simplorios, modestos, exprimindo-se com uma rudeza encantadora, propria da gente desta provincia, inteligente, perspicaz, altiva e valente como nenhuma outra: Albino Adrião, de Bragança, e Francisco Antonio Pinheiro, de Maires—assim se chamam os dois heroes. O primeiro, recruta n.º 114, e o segundo, praça n.º 151, estavam destacados na força estacionada em Vila Verde, quando ali foi recebida ordem de marchar sobre Chaves e cercar o inimigo, que atacava já esta vila. Fazendo parte do grupo comandado pelo heroico alferes Avelar Machado, o oficial que foi ferido por Camilo Castélo Branco, tendo como auxiliar o sargento Manuel Figueiredo, os dois rapazes estavam já montados para seguirem na guarda avançada, quando aquele oficial viu passar ao longo de um caminho, a trote, um cavaleiro armado, de chapéu de feltro, desabado e figura flamante. Imediatamente ordenou aos dois soldados que corressem em sua perseguição e o prendessem. Dando de esporas aos cavalos, os rapazes largaram-se como doidos atraz do homem, até que, na volta de um caminho, lhe sairam á frente, mandando-o fazer alto e interrogando:

— Quem é você?

D. João de Almeida, porque era êle o cavaleiro misterioso, respondeu numa algaraviada que os rapazes não perceberam; mas, á intimação de que falasse claro, se não queria receber um tiro na cabeça, tratou logo de dizer que era oficial austriaco e portanto, se não daria á prisão. De nada lhe valeu o *truc*. Metido, á força, entre os dois cavaleiros, um dos quaes lhe tirou a pistola, foi obrigado a seguil-os no seu cavalo, em direcção a Outeiro Seco, povoação áquele tempo já nas mãos dos inimigos, que ali foram recebidos pelos habitantes com vivas á monarquia e a Paiva Couceiro. Percebendo isto, os rapazes, em vez de retroceder, intimaram e obrigaram D. João de Almeida a meter o cavalo á carga, e, apezar da sua recusa, conseguiram arrastal-o a toda a brida, passando, como relampagos, pela tal povoação, sem verem ninguem pelas ruas, mas ouvindo de dentro das casas o vivorio, em que se salientavam as mulheres. Durante todo o trajecto e, por ali abaixo até ao sitio onde se ergue a capela da Senhora da Azinheira, num percurso de oito kilometros, os dois soldados do regimento de Chaves não só nunca abandonaram o prisioneiro um minuto, como fizeram toda a travessia debaixo de um chuveiro de balas do inimigo e com as carabinas apontadas á cabeça do preso. Naquele ponto, porém, o fogo tornou-se mais vivo e intenso, e, para cumulo de contrariedade, deu-se ainda o caso dos soldados não terem sido reconhecidos pelos nossos, que, por este facto, os alvejaram repetidas vezes. Para não serem mortos, os rapazes fizeram varios sinaes, que não foram percebidos, até que o 151, impossibilitado de se servir da mão esquerda, onde levava a carabina, meteu a direita num dos bolsos de João de Almeida, tirando-lhe o lenço, de que se utilisou para pedir paz. Imediatamente os nossos cessaram fogo, e foi então que para os tres cavaleiros avançaram o sargento Carneiro, o cabo Francisco Inacio Gregorio e os soldados João Batista e Alipio Manuel, todos de infanteria 19. Acercando-se do grupo, o sargento, posto ao facto do que se passava, intimou D. João de Almeida a apear-se; mas como o fogo do inimigo incidisse sobre êles, de uma fórma violentissima, tiveram de abrigar-se numa baixa, onde D. João de Almeida caiu, indo estatelar-se, de bruços, num regato. Levantado dali, como não quizesse enveredar por umas estevas, foi levado de rôjo um grande pedaço, até que o internaram na vila, pela margem do Tamega, indo sair ao largo do Arrabalde, então já seguidos de muitos civis, que pretendiam linchal-o. Pelo caminho, D. João de Almeida disse quem era, fez varias ameaças e, por ultimo, acabou por oferecer 30 contos de réis ao sargento, para o deixar fugir.

D. João de Almeida não levava quantia que se parecesse com esta importancia, mas a verdade é que, em infantaria 19, onde recolheu primeiramente, foi-lhe apreendido cêrca de um conto de reis e grande porção de libras. Como já para aí disse, a sua espada, que êle ofereceu, como recordação, ao soldado 151, é um objecto digno de ser visto, como exemplo vivo de carolice e fanatismo. Está depositada, como troféu, no regimento de infantaria 19, juntamento com a sua restante bagagem: a pistola automatica e... uma enorme navalha sevilhana, de ponta e mola, digna de figurar na cinta de qualquer salteador profissional.

* * *

Outro facto digno de notar-se foi a prisão do impedido de Couceiro, que encontraram ferido, mas ainda tentando defender-se. Como já disse, este homem foi soldado de artilharia e, depois de ter estado numa campanha de Africa, ao lado de Paiva, alistou-se na policia civil, onde tinha o numero 535, servindo largo tempo na esquadra dos Capelistas. Chamava-se Faustino de Oliveira, era filho de José de Oliveira e de Maria José Nobre Oliveira, tinha 45 anos e natural de Torres Novas. Poucas horas antes de morrer tinha-o eu entrevistado no hospital militar, onde fui encontral-o gravemente enfermo. Apezar de isso, conheceu-me imediatamente e respondeu quasi tranquilamente a varias perguntas que lhe fiz. Foi por êle que se conseguiu a listas dos nomes dos oficiaes que vinham na coluna de Couceiro e ainda a curiosa informação de que um dos combatentes era aquele celebre policia Paradante, inimigo figadal dos republicanos e dos membros das associações secretas.

Quando rebentou a revolução e, pouco depois, se deram nas esquadras de Lisboa muitas transferencias de guardas, o 535, ao ter conhecimento de que Paiva Couceiro empenhara a sua palavra de que não hostilisaria a Republica, procurou-o e, com um bilhete desta para o tenente-coronel Silveira, então, como hoje, comandante da policia civica, logrou ser transferido para a esquadra do govêrno civil, com a incumbencia, porém, de vigiar de perto o que ali ocorria, estabelecer varios planos e, sobretudo, proceder a aliciamento de colegas. Vem isto provar que, já nessa epoca, Couceiro vendia barato a palavra de honra e já traía a Patria que lhe foi berço e que carinhosamente lhe abria os braços. Um dia, porém, o 535 foi abordado pelo dr. Carlos Garcia, esse medico de Lisboa que espera, afiançado, o seu julgamento, como aliciador e, recebendo dinheiro fornecido por êle, partia, pouco depois, abandonando o logar, a encontrar-se em Salamanca com Couceiro. Desde esse dia, Faustino de Oliveirr nunca mais abandonou o chefe e patrão, tendo entrado na incursão de Vinhaes. Disse-me mais que Paiva costuma instalar-se com a mulher e a filha em casa do senador carlista Ceia Gadanha e que, em certo dia, quando aquele viajava pelo estrangeiro, em companhia de um dos filhos do marquêz de Pombal e do marquês de Abrantes, lhe escreveu pedindo-lhe 200$000 reis para seguir para o Brazil. A resposta de Couceiro foi que tivesse paciencia, porque *tudo estava para breve e haviam de vencer*. Referiu-me tambem que Couceiro era a meudo visitado por varias personalidades em evidencia no país, ao tempo da monarquia, chefes de *complots*, os quaes não só lhe garantiam a adesão das populações onde residiam, como de varias unidades militares. Concluiu por reconhecer nesses individuos uns embusteiros vulgares, muitos dos quaes se teem *governado* com o dinheiro que dos conspirantes recebiam e que o Faustino computava em mais de 1:500 contos, por o ter ouvido dizer a Couceiro.

Faustino de Oliveira, que faleceu no dia 11, teve uma agonia horrivel, morrendo a gritar:—*Esperem! Esperem um pouco que eu vou descarregar a minha peça!...* De facto, foi êle quem bombardeou, por ordem de Paiva Couceiro, a vila de Chaves, tendo feito ainda, por determinação de aquele, varios tiros que foram cair no hospital militar.

O contra-mestre de clarins de cavalaria 6 a que ésta narrativa alude, Antonio Azevedo, foi felicitado pelo comandante da divisão de Lisboa, general Carvalhal, que lhe mandou um telegrama expressando-lhe o quanto é para louvar o seu acto heroico durante o combate em que tomou parte.

Um manifesto de D. João de Almeida

Interessante, e por isso digna de toda a publicidade, a proclamação do chefe miguelista ao seu povo, cujos exemplares lhe fôram apreendidos no momento de ser preso.

Diz assim o heroi da farça:

Queridos transmontanos e minhotos cristãos, portuguêses, legitimistas:

Uma quadrilha apoderou-se do govêrno do nosso país. Acabar com esta ignomia é o nosso dever para com Deus, para com vós mesmo e para com vossos filhos. Um soldado valoroso, Paiva Couceiro, vae pôr em execução o seu plano de restaurar a nossa patria. E' nosso dever auxilial-o até ao fim, com todas as nossas forças. Se me quereis seguir com a bandeira branca, juro-vos que ireis pelo caminho do dever e da honra.

(a) *D. João de Almeida.*

E' digna de muzeu.

O DEMOCRATA

Vende-se agora no **Kiosque Pereira,** junto ao mercado do Côjo.

Contas partidas...

Não resta a menor duvida que a paivantada se tinha convencido do triunfo da incursão, ajudada pelas desordens que a dentro do país se produzissem e ainda pelo suposto auxilio do exercito com que muitos se enganávam a si mesmo contando-o no numero dos inimigos da Patria e da Republica.

O documento que vâmos reproduzir dá bem a ideia do que pensávam os adeptos da monarquia dos *adeantamentos*, para quem D. Manuel, depois das provas que deu como rei constitucional, ainda é uma esperança e para as *canastras* o seu melhor enlevo...

Leia-se, que é curioso:

Ao comandante militar de Leiria

A Junta Governativa do Distrito de Leiria, **em nome de Sua Magestade El-Rei D. Manuel 11,** comunica a V. Ex.ª que está restabelecida a Monarquia em Lisboa Porto, **Aveiro,** etc., etc

Torna V. Ex.ª responsavel, em nome do mesmo Augusto Senhor, por qualquer agressão que nos seja dirigida, á qual, aliás, corresponderêmos pelas armas.

Nêsta conformidade a V. Ex.ª compéte, emquanto não receber ordens do novo govêrno, manter a ordem na cidade e evitar os disturbios e atentados da seita chamada Carbonaria e do grupo de Voluntarios.

Por estas determinações responde a posição de V. Ex.ª, não devendo esperar contemplação alguma, caso as não cumpra.

A Junta Governativa

Proclamada a monarquia em Aveiro! Bem se vê que os de Leiria andávam na lua...

Aqui é *tudo* republicano. A principiar pelo *inocente* advogado da rua do Sol, que por sinal é dos mais dignos discipulos de Homem Cristo.

O *Mijarêta,* conhecem...

SERÁ VERDADE?

Informam-nos que o sr. padre Pedro Gamelas manifestou nos ultimos dias da semana finda ardentes desejos de saber, com segurança, se a filarmonica *José Estevam* tocáva o hino do extinto regimen, fazendo essa pergunta a diferentes individuos que gaiteiam na referida musica.

Ao sr. comissario de policia lembrâmos a conveniencia de inquerir daquêle *simpatico* reverendo o motivo que o levou a fazer a pergunta, pois é para notar a coincidencia do desejo com a saída de alguns dos seus valiosos e bons amigos désta cidade, por *aperto* de diversos assuntos a tratar, bem entendido, e com a invasão dos bandidos ás ordens doutro bandido maior—o Paiva Couceiro.

Andâmos a matutar nisto sem poder atinar com a rasão originária da curiosidade eclesiastica do sr. padre Pedro.

Porque diabo sería que se lembrou aquêle exemplar e *patriótico* sacerdote de perguntar aos musicos se a filarmonica tocava o hino da Carta justamente naquélas alturas?!

Faça-lhe a pergunta, sr. comissario de policia, e ouça, ouça o padre Pedro...

Êle é tão bôa pessoa... que por certo dirá a *verdade* toda...

Ora se diz!...

Uma desventurada

Poz, no sabado, termo á existencia por meio do gaz carbonico desenvolvido das brasas em combustão dentro dum fogareiro, que consigo fechou no quarto onde dormia, uma pobre rapariga, de nome Maria Coelho de Magalhães Freire, de 39 anos de edade, casada e com tres filhos menores, que assim ficáram privadas do aconchego da mãe precisamente no momento em que os seus carinhos se tornávam mais salutares e necessarios.

Corre, não sabêmos com que fundamento, que o suicidio da inditosa Maria Freire foi devido não só ás amiudadas desavenças com o marido, mas tambem a ter uma visinha posto em duvida a sua comprovada reputação, éla que toda a vida foi considerada mulher honesta e de brios.

Lamentâmol-a.

PROVAS DA TRAIÇÃO

Dois documentos de reconhecido valor

«*Ao Govêrno Provisorio:*

Reconheço as Instituições que a Nação reconhecer, porque—antes—como depois da proclamação da Republica—ponho a Patria acima de tudo, e **sou contrario á desordem e ás luctas fratricidas.**

Abandono as fileiras do Exercito, porque o soldado que, durante uma já longa existencia, tem vertido o sangue do corpo e da alma pela bandeira azul e branca, onde as Quinas e os Castélos retraçam a historia gloriosa de Portugal—não tem forças para largar o simbolo sacrosanto que desde sempre se habituou a trazer plantado no intimo do peito.

Como cidadão—**permanecerei fiel, em espirito e em actos,** á crença do ressurgimento nacional, **pela paz** e pelo trabalho de todos os portuguêses, unidos numa só consciencia da Nação que quer viver honrada, independente e prosgressiva.

Patria e Liberdade!

Outubro—8—1910.

H. de Paiva Couceiro.»

Carta a João de Menêzes

Meu Ex.mo Amigo

«*Vi-me proposto ou indigitádo ou quer que seja, no jornal, para umas comissões do Ministerio do Ultramar. Na hipotese disso realmente significar propositos efectivos, entendo, visto que agora sou cidadão livre e não funcionario, que contaram, e contaram bem, com a minha bôa vontade de não me negar ao trabalho quando o julguem necessario. Mas dá se o caso de que preciso tratar da minha vida, e tenho o tempo tomado todos os dias do 1|2 dia ás 4 1|2, etc.*

Como não desejo que uma negativa seja tomada á conta de má vontade, antecipo-me pedindo-lhe o favor,—se isso está nas suas mãos,—de interceder por fórma a que pelos motivos expostos se esqueçam de mim.

Sabe bem que desejo do fundo do coração que a Republica conduza a bom porto esta avariada náu, e que não é portanto por espirito de antipatía que me esquivo, embora na verdade a Republica se esteja apresentando por ora,—como o caso da bandeira o prova,—um tanto verde... e vermelha.

Gente de paz, como eu, gosta de tempos mais claros. Mais brancos e mais azues.

Emfim, se me pudér fazer o favor que peço, agradeço.

Amigo certo,

21 de Novembro.

Paiva Couceiro.»

O que nos esperava

Em diversos jornaes da capital lêmos várias informações que, por pessoa bem informada, daqui têm sido transmitidas, correspondentes aos ultimos acontecimentos que tanto têm emocionado todo o país e até o mundo inteiro.

Por élas vêmos que o famoso malandro Homem Cristo estava em activa correspondencia com o seu não menos famoso secretario Marques Rosa, atualmente preso e ferido, e este por sua vez com os dedicados correligionarios que, conforme as noticias recebidas, assim nos andavam por aí a arreganhar a dentuça ou a mostrar as beiças caídas.

Ultimamente os sinaes de *bom tempo* eram manifestamente visiveis e o *Quelhas* regorgitava daquéla sublime malandragem, de *Mijarêta* á frente, esfregando as mãos e deixando vêr nos olhos com que nos fitavam, que como Paiva Couceiro e Sepulveda, teriam já escolhido entre si os que nos haviam de enforcar estando portanto de posse dos braços precisos para essa almejada taréfa.

Pelo testemunho ocular de parte dos factos decorridos em Chaves, porque lá se encontrou em visita a uma pessoa de familia, durante essas horas angustiosas, o sr. Manuel Dias, bemquisto e honrado cidadão, que ha muito entre nós reside, e por noticias de Valença insertas num periodico lisbonense, fazia parte das colúnas invasoras—um grupo de verdugos para os enforcamentos que se deveriam efectuar após a capitulação das praças assaltadas, vindo já munido dos apetrechos para a execução de tão repugnante como infamissima taréfa!

Que candidas almas aquélas, irmãs gemeas, sem duvida, das que bem junto a nós se preparavam para o desempenho de identicas funções, lépidas, sorridentes, com o aplauso do *Quelhas* e á ordem do *Mijarêta*, acolitado por aquêles que já não teriam então necessidade de se classificar—*republicanos historicos!* E tudo *em nome de Deus e em nome do rei*, sim?!...

E nós, tão magnanimamente generosos, que lhe não tocámos com um dedo nem quando desabáva o antigo regimen, nem ainda quando êles, como recompensa da generosidade com que fôram distinguidos pelos seus adversarios, contra nós urdiam o seu plano de morte e de vindita!

Malditos! Infames! Êles como todos quantos, venham de onde viérem, sejam quem fôr, pretendam ou tentem proteger essas ignobeis creaturas, capazes dos maiores crimes, habilitadas ás mais revoltantes vilêzas!

Não apaguemos da memoria, recapitulando sempre, a odisseia de crimes de toda a especie, de ladroeiras, de vinganças e torpezas praticadas por esse bando, que herdámos do franquismo, e que a êle conseguiu agregar homens doutros grupos politicos da monarquia, constituindo á hora da sua quéda um nucleo, émulo do que em tempos fôra capitaneado por João Brandão, que apezar de tudo não se gabou de contar no seu numero um Cristo e um *Mijarêta!*

* * *

Ainda pela mesma proveniencia de informações publicadas na imprensa da capital e daqui expedidas, vêmos que mais ou menos se póde conhecer do plano que estava traçado para ser posto em execução, conforme o resultado que o general em chefe Paiva Couceiro fôsse conseguindo na sua *gloriosa* e *patriotica* marcha contra a sua Patria.

Contava-se como cérta a partida do 24 para a fronteira, onde já tinha feito duas brilhantes *étapes*, seguindo-se a marcha sobre Aveiro das populações ruraes amotinadas, onde se contam bons amigos e não menos partidarios que, entrando aqui, se apossariam da cidade, liquidando todos quantos necessario fôsse para consolidação do velho regimen. Depois seguiria essa massa popular em direcção a Vizeu, agregando-se-lhe no percurso todas as populações, que, dispostas ou não para esse fim, acompanhariam o bando revolucionario. Plano que não envergonhava o bandido padre Domingos, esse miseravel que armou o braço popular em Cabeceiras de Bastos para cometer toda a casta de infamias desde a negrura da sua traição até ao assassinato cruel e cobarde do nosso malogrado patricio Mendonça Barreto!

Todo o rigor da lei é pouco para aquêles que por qualquer fórma, directa ou indiretamente, ajudaram a traçar o projecto de ataque que, com bastante magua do negregado rancho, não poude ser completamente executado.

Apezar de tudo, preparemonos.

Ha estertores de féras que são terriveis.

"A Aguia"

Acaba de nos ser enviado o n.º 7 désta apreciavel revista portuense de literatura, arte, sciencia, filosofia e critica social, cujo sumario é o seguinte:

LITERATURA. — Meus olhos dolorosos—Soneto de *Teixeira de Pascoaes*. A Nossa Senhora. Colar de Astros. Quadras Soltas. Uma Carta—*António Nobre*. A Vila Feia—*Vila Moura*. Ternura de Chacal—Soneto de *Teófilo Braga*.—Versos da Aléluia—Sonetos de *Augusto Casimiro*. Amor de Mulher—*Carlos Malheiro Dias*. ARTE—Flôres (Ilustração) *Júlio Costa*. Um pintor de Aguarelas—*Carlos Pãrreira*. Estudo (Ilustração)—*Margarida Costa*. O Salão dos Humoristas—*Veiga Simões*. Depois da Ceia (Ilustração)—*Ernesto do Canto*. Vinhetas de *Cristiano Cruz*. Capa de *Corrêa Dias*. SCIÊNCIA—O Paleolítico em Portugal—*Virgílio Corrêa*. SECÇAO BRASILEIRA Éça de Queirós—*Mateus de Albuquerque*. REVISTA BIBLIOGRÁFICA.

Agradecêmos o exemplar recebido.

Subscrição

aberta pelo *Democrata* para a compra duma bandeira que, por iniciativa do *Grupo Defeza da Republica de Aveiro*, deve ser ofertáda ao regimento de infanteria 24 aquarteládo nésta cidade:

Transporte........	34$100
Aristides de Figueiredo.	500
Soma..........	34$600

De Oliveira de Azemeis

Uma entrega

Quando da minha correspondencia para o ultimo numero deste jornal dizia eu que os republicanos oliveirenses eram capitaneados *em tour de force* pelo sr. Administrador do Concelho que se esforçava, unicamente embebido na esperança de um dia lhe arranjarem uma colocação rendosa, por entregar este sempre espesinhado povo aos antigos caciques, tinha provas suficientes para fazer tal afirmação; mas, se élas não bastassem para convencer os bondosos, o que se está passando atualmente neste concelho é o bastante para tirar todas as duvidas, para demonstrar indestrutivelmente o que eu nêssa correspondencia afirmava.

Antes, porém, de entrar em considerações, antes de apresentar mais factos, vou sucintamente descrever o que se passa numa freguezia deste concelho, Couto de Cucujães, freguezia que teve portas a dentro e durante muitos anos, frades beneditinos, traduzindo-se logicamente essa permanencia em odios aos republicanos.

Estes odios estavam e estão armazenados tanto nas classes ricas, nas *classes aristocraticas* déssa freguezia, havendo alguns individuos que publicamente e judicialmente o demonstraram. Ha, é verdade, alguns cucujanenses republicanos e outros para quem a melhor politica é aquéla que os deixa andar socegados no seu labutar quotidiano.

Pois, apezar do meio ser de mais conhecido, o sr. Administrador do Concelho acaba de enviar ao vice-presidente da comissão paroquial adminitrativa daquela localidade um oficio em que participava a demissão da atual comissão e a nomeação duma outra para em bréve tomar posse.

Entre os nomes que vão constituir a nova comissão paroquial, figuram dois que sintetisam o odio fradesco ou reaccionario ás instituições portuguêsas. São verdadeiros *talassas*.

E o sr. Administrador do Concelho não ignorava, ao fazer a indicação para o sr. Governador Civil, o caracter politico desses dois cucujanenses cujas ideias politicas são de sobra conhecidas nesta vila, onde um deles, no tribunal e a quando da questão dos frades, demonstrou bem pelo seu depoimento—se outras provas não houvéra — o seu amor á monarquia com todos os bentinhos. Dizer, para explicar semelhante procedimento, que o sr. Administrador do Concelho é um *talassa*, é uma falsidade, é uma calunia. A explicação deste procedimento encontra-se na minha ultima correspondencia, vê-se na ambição que o sr. administrador tem em se colocar num logar rendoso que o livre de apuros financeiros. Se não, vejâmos.

Desde ha muito que esta autoridade administrativa borboleteava em redor do escrivão Andrade, um dos maiores caciques destes feudos, contando-lhe tudo o que se passava na politica portuguêsa — e era do seu conhecimento — passagens algumas que constituiam segredos para os sincéros republicanos locaes, que ao ouvir da bôca dos antigos caciques taes revelações ficavam espantados e... maguados. Carta que viesse de Lisboa de algum dos deputados deste circulo, era lida sem demora ao sr. escrivão para lhe dar mais uma prova da sua sinceridade de correligionario e para se alguma dificuldade houvesse, a perspicácia intelectual do sr Andrade a desfizesse com a primeira patada da sua manha... exercitada em campanhas eleitoraes e em propaganda de moral manuelina.

Nada havia nos arraiaes republicanos que fosse do conhecimento do sr. administrador, nem nada se fazia, politicamente, nêste concelho que não fosse ouvida a opinião do sr. Andrade e feita a sua vontade, ainda que os republicanos tivessem, com toda a justiça, opinião contrária.

Era o *senhor* que mandava, era necessario obedecer, senão lá se perdia no nada todo o trabalho duma activa gerencia administrativa, todo o lustro duma engraxadela de alta diplomacia politica.

A indicação dos nomes desses dois cucujanenses *talassas* foi obra do mesmo sr. escrivão, pois já um dêles lhe havia servido de testa de ferro numa questão levantada contra a junta de paroquia da mesma freguezia de Cucujães e *que ainda está pendente*, e o outro foi sempre o seu fiel ajudante de campo nas renhidas lutas eleitoraes, nêssas épocas em que a Republica era por êles pintada aos olhos de algum atrevido que mostrava desejos de acompanhar os republicanos, como uma quadrilha de salteadores que esperavam vencer para dar o assalto aos cofres da Nação.

Consentir que tal imoralidade se pratique, que semelhante afronta se faça a todos os sincéros republicanos, é o mesmo que afirmar que a nossa alma se encontra de luto pela vitoria alcançada na fronteira pelas nossas tropas; é o mesmo que dizer que a vitoria de Paiva Couceira era alegremente festejada com estrondosas bacanaes onde o sangue dos republicanos enchiam as taças e as chamas das suas habitações aqueciam as paixões da destruição.

E' tão repugante o acto que se pratica em Cucujães, que o cidadão Augusto Brandão, indicado para presidente da nova comissão, me declarou que *não tomava posse com tal gente!*

E' um dos resultados a que nos levou a politica do sr. Administrador do Concelho, cuja obra administrativa é de egual peso, como o havemos de demonstrar no proximo numero.

17—VII—912.

O medico **Lopes de Oliveira.**

PELO LICEU

Como consequencia, supômos, dos informes que o sr. reitor do liceu de Aveiro enviou ao director geral da instrução superior e especial, dando conta das verdadeiras razões porque se acha ausente dos trabalhos da sua classe o professor daquéla casa de ensino, dr. Alvaro de Ataide, não tomando parte como lhe cumpria nos exames a que ali se está procedendo, foi o referido professor considerado suspenso por ordem dimanàda de Lisboa.

Essas razões são de tal ordem gràves e ofensivas dos proprios brios patrioticos do sr. reitor que, estâmos certos, s. ex.ª, apezar de tratar-se dum coléga, não atenuou a situação e o infamante procedimento daquêle professor, indigno por todos os titulos, do contacto dos seus camaradas e da presença dos seus alunos.

No interessantissimo suplemento ao numero tantos do sucessor do *pulha de Aveiro*, são anunciádos já melhoramentos para quando saír de novo, contando os seus atuaes emprezarios com a colaboração e auxilio de autoridades jornalisticas *pur sang*.

Não ha que vêr. E' o *Bébes* que foi contratado e se juntou ás *lidimas individualidades da nossa terra*.

Mas sendo assim, o *orgão dos taberneiros* acaba. E acabando o *orgão dos taberneiros* lá se vai o *nivel da imprensa*, que é o titulo de gloria do *Bébes*...

Pelas Obras Publicas

Mais uma vez chamâmos a atenção do sr. director para uns abusos que se estão dando na repartição das Obras Publicas, pois ha empregados, dizem, que vão jantar todos os dias, saindo ás 12 horas e entrando ás 14! Além disso ha outros empregados que a maior parte dos dias não aparecem na repartição.

Senhor director: é preciso acabar com estes abusos, logo que esteja convencido da veracidade das afirmativas que ácêrca dêles se fazem.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco* e *Kiosque Elegante*, no Rocio.

Prisões

A autoridade administrativa conserva detidas no comissariado de policia algumas pessoas sobre quem recáem suspeitas de cumplicidade com os incursionistas, constando-nos que estão para se efectuar importantes deligencias que de algum modo farão luz sobre a repercussão que teria no distrito de Aveiro a aventura couceirista.

Aos tribunaes militares, prestes a constituir-se, será depois afecto o julgamento dos que se apurárem terem entendimentos com a quadrilha que a Hespanha protége, seguindo-se o que fôr de justiça e a lei determina nêstes casos especiaes.

Para conduzir os condenádos ás possessões ultramarinas, o govêrno já fertou o vapor *Cabo Verde*, sendo nêle, não résta duvida, que muitos condes, barões e marquezes hão-de ir receber o premio das suas façanhas.

Não fazem cá falta.

Sessão da Comissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 11 de julho de 1912.

Presidencia do ex.mo presidente, dr. Luís de Brito Guimarães. Compareceram o vice-presidente sr. Manuel Augusto da Silva e os vereadores José da Fonseca Prat, Pompilio Souto Ratola, Vicente Rodrigues da Cruz, Sebastião Pereira de Figueiredo e Manuel Rodrigues Teixeira Ramalho.

Feita a leitura da acta da sessão anterior e aprovada que foi, tomou a palavra o sr. presidente, que deu conta das vitórias até hoje alcançadas pelo exercito português na defeza heroica do solo patrio, facto com que a câmara, exprimindo o seu e o sentir dos povos que representa, se congratula, tomando a deliberação de enviar uma saudação ao ilustre chefe do Estado, bem como ao ex.mo ministro da guerra como chefe supremo dêsse exercito que tão nobremente afirma o seu valor e mantém com brilho as suas gloriosas tradições.

Continuando, disse mais sua ex.ª que esta cidade, regosijandose com aquélas vitórias e com os actos de verdadeira nobreza do soldado português, lamentava profundamente a triste nota que as selvagerias praticadas em Cabeceiras de Basto viéram lançar em meio das festas do justo contentamento nacional.

No seu posto e quando cumpria corajosamente o seu dever, perdeu a vida, no melhor periodo déla, o administrador daquêle concelho, filho désta terra, o cidadão João Augusto de Mendonça Barreto. Interpétra o sentimento cavalheiroso désta cidade propondo que nésta acta se exare um voto do mais profundo pezar pelo acontecimento, que a enluta, e propõe que a sessão se levante nésta altura, não sem testimunhar á câmara dos ilustres deputados da Nação o seu reconhecimento por haver tomado a deliberação de assegurar o futuro da viuva e filhos do extinto.

Mais propôz que a câmara se encorpore no prestito que deve acompanhar á ultima morada os restos do saudoso morto, e que désta acta se envie a sua familia uma copia, na integra.

A câmara fazendo suas as palavras do seu presidente, por unanimidade votou todas as suas propostas, encerrando logo a sessão e dando a sua ex.ª poderes para resolver como entenda todo o expediente déla.

Aniversario

O nosso coléga *Os Sucessos*, que se publica entre as duas vias, isto é, entre Aveiro e Ilhavo, no Corgo Comum, entrou no seu 24.º ano. Pois que muitos mais conte, sempre na aprumada e *independente*, é o que sincéramente desejâmos ao *filho dilecto da alma* do amigo Marques Vilar.

NOTAS DA CARTEIRA

Embarca ámanhã para Lisboa e depois para Loanda, o nosso amigo Francisco Marques da Naia, tenente farmaceutico do ultramar.

Desejâmos-lhe todas as felicidades.

= Esteve no domingo em Aveiro com os seus dois filhos, Mario e Antéro, este ultimo de regresso de Lourenço Marques, o nosso estimavel amigo, sr. Joaquim Pereira Gandra, de Oliveira de Azemeis.

= Com sua esposa encontra-se nésta cidade, o sr. Adriano Pereira da Cruz, aluno da Universidade.

= Seguiu para as termas de Caldélas o nosso velho correligionario e amigo, sr. Manuel Marques da Cunha.

= Está em Vale da Mó o sr. Antonio Simões Jorge.

Transferencia

A titulo de *conveniencia de serviço* foi transferido ultimamente de Agueda para Arouca o chefe de conservação das Obras Publicas, sr. Luis Gonçalves Moreira, a quem os seus superiores fazem justiça considerando-o um empregado zeloso e bem comportado.

No logar do sr. Moreira ficou o seu coléga Antonio José Pereira que é mesmo *natural* da vila de Agueda.

Necrologia

Finou-se em edade avançada, o sr. Francisco Manuel Couceiro da Costa, morgado de Vilarinho.

Era um velho simpatico, que toda a gente via com respeito e cumprimentava com veneração.

Daqui nos associâmos ao luto de toda a sua ilustre familia.

Afogado

Junto a uma das linguêtas do caes, do lado do Rocio, apareceu ante-hontem de tarde, á tona de agua, o cadaver de uma creança do sexo masculino, aparentando a edade de 10 a 12 anos, e que a policia fez conduzir ao cemiterio depois das formalidades legaes, afim de ser autopsiado.

E' por emquanto desconhecida a sua identidade, presumindo-se contudo que o infeliz seja filho de um homem de Ilhavo que aí andou á procura dêle.

Exclamação dum individuo que ha dias passou á porta do escritorio do sr. dr. Cherubim do Vale...de Josefá,—vendo a cruz preta lá pintáda:

—Então que é isto? O sr. dr. Cherubim, advogado e *parteira*, eu que sempre o considerei um homem *virtuoso?!...*

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

JULHO

DIAS	PHARMACIAS
21	REIS
28	MOURA

CORRESPONDENCIAS

Cacia, 16

Tambem aqui têm sido largamente comentados os ultimos acontecimentos do norte, por virtude dos quaes tantas vidas se perderam de filhos da mesma Patria, mas que nos trouxeram a certeza de que com éla estão o povo e o exercito dispostos a defendel-a até á ultima, dos bandidos assalariados por Couceiro.

Os jornaes são avidamente lidos, ouvindo nós a varios assinantes do *Democrata* tecer-lhe elogios pelo modo desassombrado como se refére á incursão indicando ao mesmo tempo o que urge fazer no momento atual.

Gosta-se dum jornal assim.

= Vindo de Lourenço Marques já se encontra entre nós o nosso amigo sr. Artur Nunes Soares, a quem cumprimentâmos.

= Tambem de Coimbra aqui veio passar alguns dias com sua esposa o sr. Manuel Rodrigues Béla, filho do nosso bom amigo sr. Agostinho Béla, importante industrial.

= No dia 9 manifestou-se incendio na casa de habitação do sr. Manuel Rodrigues Sapateirinho, a caminho do Pará, que, devido aos prontos soccorros do povo désta freguezia, atraido pelos gritos de—fogo—não ardeu toda, como prestes a isso estêve.

Ainda assim os prejuizos são importantes, calculando-se em alguns centos de mil reis o que as chamas consumiram e que de algum modo veio dificultar ainda mais a vida precária que aquêle nosso conterraneo e sua esposa vinham atravessando.

O incendio de agora veio avivar no espirito de muitos a ideia da aquisição duma bomba que sirva para defender os predios, alguns de grande valor, que a freguezia possue, de sinistros semelhantes ao da semana finda e com isso concordâmos, pois nos parece ser da

maxima utilidade a compra desse util objecto, indispensavel hoje em toda a parte.

= Com demora, visto ter fechado o parlamento, encontra-se na sua casa de Sarrazola, o sr. dr. Antonio Maria Marques da Costa, deputado por Oliveira de Azemeis.

= Tivémos o prazer da visita dos srs. José Antonio Dias de Oliveira, João Maria Misco e Carlos Rodrigues Branco.

=Consta que a autoridade vai proibir as procissões em toda a parte onde eram toleradas, em virtude da maneira pouco correcta como se teem conduzido os pastores das almas, na sua maioria hostís ao regimen, pelo que só têmos que a louvar se assim proceder.

= O aspecto dos campos continúa a ser magnifico vendo-se os milharais bastante crescidos e prometedores.

C.

Pinheiro, 16

Promovido pelo grupo dos *cinco*, de Espinho, viéram em passeio até á Ponte da Rata, aonde almoçaram, cêrca de 200 excursionistas, seguindo depois para a vila de Agueda em comboio especial. A excursão fez-se acompanhar da tuna *Passos Brandão*, composta de 23 figuras, executando antes da partida alguns numeros de musica que muito agradaram.

Tivémos o prazer de trocarmos impressões com alguns dos excursionistas entre os quaes o sr. Benjamim Dias, organisador da referida excursão, e que amavelmente nos forneceu as indicações que aqui consignâmos.

Retiraram bélamente impressionados com as encantadoras paisagens que nos oferece o poetico Vouga, e as deliciosas sombras oferecidas pelos seus sugestivos salgueiraes...

= Continúa a propagar-se a febre afatosa no gado vacum, principalmente no logar das Azanhas.

= Vae melhor dos seus encomodos o sr. Manuel Martins Catão. Desejâmos o seu rapido restabelecimento.

=Os milharaes vão muito fracos, em virtude do frio que tem feito estes ultimos dias.

= Está grvaemente doente o sr. Domingos do Paço, a quem desejâmos prontas melhoras.

= Por Alquerubim, segundo nos informam, continuam os cães ladrando á lua e a lua a... fazer ouvidos de mercador.

Parece-nos ser cousa que sucede invariavelmente desde que ha lua e desde que ha cães...

C.

MOVIMENTO MARITIMO

Barra de Aveiro

Entradas.—Dia 4: vapor *Lince*, tonelagem 32,21. Mestre Francisco Alves, tripulantes 5, vasio, do Porto.

Dia 8.—Chalupa *Atlantico*. Mestre Francisco Forte Homem, tripulantes 5, com carga de petroleo, do Porto.

Dia 10.—Vapor *Lince*, tonelagem 32,21. Mestre Francisco Alves, tripulantes 5, vasio, do Porto.

Dia 13.—Fragata *Catarina*, tonelagem 242,23. Mestre Domingos Pena, tripulantes 5, vasia, do Porto.

Saídas.—Dia 4: canôa de pesca *Leonor*, tonelagem 39,40. Mestre Domingos da Cruz, tripulantes 14, com sal, para Peniche.

Dia 4. — Cahique *Marquez de Pombal*, tonelagem 28,79. Mestre Manuel José Ferro, tripulantes 7, com sal, para Setubal.

Dia 5.—Chalupa *Atlantico*, tonelagem, 18,87. Mestre Manuel Gonçalves Vilão, tripulantes 5, lastro agua, para o Porto.

Dia 5. — Chalupa *Béla Jardineira*, tonelagem 83,16. Mestre Francisco da Rocha, tripulantes 7, com sal, para Peniche.

Dia 5.— Chalupa *Mariana*, tonelagem 48,00. Mestre Antonio dos Santos, tripulantes 5, com sal, para Peniche.

Dia 6.—Varino, sem nome, tonelagem 37,03. Mestre Joaquim Fernando Mano, tripulantes 3, com madeira, para Lisboa.

Dia 6.—Varino, sem nome, tonelagem 19,35. Mestre José Gonçalves Leite, tripulantes 3, com madeira para Lisboa.

Dia 6. — Varino, sem nome, tonelagem 22,93. Mestre José Fernandes Matias, tripulantes 5, com madeira, para Lisboa.

Dia 6. — Vapor *Lince*, tonelagem 32,21. Mestre Francisco Alves, tripulantes 5, vasio, para o Porto.

Dia 11.—Hiate *Emilia Augusta*, tonelagem 87,03. Mestre Tomé dos Santos, tripulantes 7, com sal, para Vila do Conde.

Dia 15.—Varino, sem nome, tonelagem 60,60. Mestre João Ferreira Novo, tripulantes 3, com madeira, para Lisboa.

Dia 16 — Chalupa *Atlantico*, onelagem 18,87. Mestre Francisco Forte Homem, tripulantes 5, com lastro de agua. para o Porto.

Dia 13.—Fragata *Catarina*, tonelagem 242,23. Mestre Domingos Pena, tripulantes 5, com sal, para Leixões.

Dia 16. — Chalupa *D. Maria*, tonelagem 95,03. Mestre Inacio Antonio Lebre, tripulantes 7, com sal, para Vila do Conde.

Dia 16.—Vapor *Lince*, tonelagem 32,21. Mestre Francisco Alves, tripulantes 5, vasio, para o Porto.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

ANUNCIOS